



COLEGIADO DE PSICOLOGIA
IASMIN KARINA CARMO NASCIMENTO

**OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
INTERSECCIONALIDADE**

IASMIN KARINA CARMO NASCIMENTO

**OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
INTERSECCIONALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a comissão do curso de Psicologia como requisito obrigatório para a obtenção do título de bacharel em Psicologia pela Faculdade de Ilhéus-Madre Thais.

Orientadora: Prof^a Ma. Marianne Gois Barbosa

**OS IMPACTOS PSICOSOCIAIS EM MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE**

IASMIN KARINA CARMO NASCIMENTO

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profª Ma. Marianne Gois Barbosa
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Orientadora)

Profª. Esp. Laysa Rodrigues Viana Moreira
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Examinador I)

Profª. Ma. Joselita Ferreira de Lima
Psicóloga
(Examinador II)

OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE

RESUMO

Este trabalho aborda a urgente problemática da violência doméstica contra mulheres negras no Brasil, ressaltando a interseccionalidade entre raça, gênero e classe social. O objetivo da pesquisa é analisar os impactos psicossociais de como pautas, como o racismo, pode agravar fatores de violência doméstica. O processo de interseccionalidade é identificado como componente estrutural na perpetuação da violência, afetando o acesso a serviços e ampliando disparidades sociais. A análise da saúde mental destaca as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, com a pesquisa propondo uma abordagem sensível da psicologia. O texto discute a opressão vivenciada, incluindo estereótipos, e destaca a importância de combater esses estereótipos para lidar com a violência doméstica. A metodologia envolve revisão bibliográfica, evidenciando a escassez de pesquisas sobre saúde mental da mulher negra vítima de violência. Portanto, destaca-se a necessidade de políticas públicas que considerem as especificidades das mulheres negras, visando igualdade, justiça e garantia de direitos fundamentais, buscando sensibilizar profissionais da psicologia para a temática.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Mulheres negras. Psicossocial. Saúde Mental

PSYCHOSOCIAL IMPACTS ON BLACK WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC VIOLENCE IN BRAZIL: AN ANALYSIS FROM INTERSECTIONALITY

ABSTRACT

This work addresses the urgent problem of domestic violence against black women in Brazil, highlighting the intersectionality between race, gender and social class. The objective of the research is to analyze the psychosocial impacts of how issues, such as racism, can worsen factors of domestic violence. The process of intersectionality is identified as a structural component in the perpetuation of violence, affecting access to services and widening social disparities. The mental health analysis highlights the difficulties faced by black women, with the research proposing a sensitive approach to psychology. The text discusses the oppression experienced, including stereotypes, and highlights the importance of combating these stereotypes to deal with domestic violence. The methodology involves a literature review, highlighting the scarcity of research on the mental health of black women who are victims of violence. Therefore, the need for public policies that consider the specificities of black women stands out, aiming for equality, justice and guaranteeing fundamental rights, seeking to raise awareness among psychology professionals about the topic.

Keywords: Intersectionality. Black women. Psychosocial. Mental health

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras vítimas das vastas formas de violência que nos são proporcionadas ainda num país com imensa pluralidade, que carece de visibilidade pelo estado. Dedico também as mulheres da minha família que foram mais um número dessa equação cruel chamada violência doméstica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minhas experiências como mulher negra e também vítima das multipluridades dessa violência. A minha família por ter despertado em mim a vontade para escrita deste tema.

A minha orientadora, Marianne Gois por ter me acolhido durante o percurso de construção desta pesquisa.

Ao meu lar original, onde residem minha mãe, Neuza Carmo de Assunção, irmã, Cecilia Nascimento e meu pet, Nino, a os quais me acalentam enquanto eu chorava ao pensar no sofrimento de cada mulher negra afetada pela violência ao construir este tema.

E por final, agradeço a minha amiga, mentora e companheira de luta, Marisa Batista Ayo, por sempre me apoiar e entender, além de me ajudar a construir essa pesquisa ao me oferecer a leitura de uma fundamentação de grande importância para a construção deste trabalho.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 9 |
| 2.1 INTERSECCIONALIDADE..... | 9 |
| 2.2 RACISMO E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA..... | 10 |
| 2.3 SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NEGRAS..... | 13 |
| 2.4 OPRESSÃO E RESILIÊNCIA..... | 15 |
| 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO..... | 16 |
| 4. METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 18 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 18 |
| REFERÊNCIAS..... | 20 |

1. INTRODUÇÃO

Segundo dados do fórum de segurança pública do Brasil, cerca de 17 milhões de mulheres são atingidas pela violência doméstica no Brasil, e 52% delas se tratam de mulheres negras. E em 2020, 51% das vítimas de lesão e 52% das vítimas de estupro foram, também, mulheres negras.

O tema proposto desta pesquisa é de extrema relevância e urgência. As mulheres negras são frequentemente expostas a uma série de formas de opressão e discriminação, que podem se intensificar quando estão inseridas em um contexto de violência doméstica. No entanto, é fundamental compreender os impactos psicossociais específicos que essas mulheres enfrentam, considerando a interação complexa entre raça, gênero e classe social.

A justificativa para esse tema reside na necessidade de dar voz e visibilidade às experiências das mulheres negras vítimas de violência doméstica, em uma sociedade que historicamente as invisibiliza e negligencia suas demandas. Através dessa análise, pretende-se desvelar os mecanismos de opressão que perpetuam a violência doméstica e compreender como essas mulheres são afetadas em suas dimensões psicológicas e sociais.

Além disso, a abordagem da interseccionalidade é crucial para uma compreensão mais aprofundada desses impactos, uma vez que as mulheres negras enfrentam uma interação complexa de opressões, que inclui racismo, sexismo e classismo. A interseccionalidade permite compreender como essas múltiplas formas de opressão se entrelaçam e se potencializam, influenciando a vivência das mulheres negras vítimas de violência doméstica de maneiras únicas e específicas.

Ao analisar os impactos psicossociais, essa pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas, programas de apoio e estratégias de intervenção que considerem a singularidade das vivências das mulheres negras. Além disso, ao destacar a interseccionalidade, busca-se promover a equidade, a justiça social e o empoderamento das mulheres negras, reconhecendo a importância de considerar as múltiplas dimensões de sua identidade ao enfrentar a violência doméstica.

Portanto, o argumento para esta pesquisa reside na urgência de compreender e atender às necessidades específicas dessas mulheres, promovendo a igualdade, a

justiça e a garantia de seus direitos fundamentais. O objetivo deste trabalho é analisar como essas estruturas que mazecam as mulheres negras de forma direta e indireta, causam impactos psicossociais nas mesmas, que muitas vezes são desamparadas pelo estado, pelo mesmo não conter e não saber, como abordar as prerrogativas e narrativas levadas por essas mulheres até ele.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade nos possibilita reconhecer que as mulheres negras são impactadas de maneira significativa pelas interações complexas das estruturas sociais, incluindo aquelas fundamentadas em concepções racistas, capitalistas e cis-heteropatriarcais. Isso nos leva a afirmar que essas mulheres enfrentam de fato as ramificações de uma matriz de opressões perpetuadas e reforçadas pela sociedade. Para ser considerada parte de estudo da interseccionalidade, as reivindicações de identidades devem ser constituídas de forma que:

A interseccionalidade dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletivamente constituída, por melhores que sejam as intenções de quem deseja se filiar à marca fenotípica da negritude, neste caso, as estruturas não atravessam tais identidades fora da categoria de Outros. Akotirene (2018, p. 29)

Crenshaw (2002) coloca a interseccionalidade como uma forma de enxergar essa coalisão de estruturas, onde se interagem simultaneamente as várias facetas identitárias, além de explicitar a falha do feminismo em acolher mulheres negras dentro do movimento. A ênfase dos estudos da interseccionalidade da autora, recai justamente nas mulheres negras, as quais, segundo a mesma, são oprimidas não apenas pelo fato de ser mulher, mas também por ser mulher e negra, e é aonde a teoria vem com a proposta de completar esta lacuna e conseguir dar conta desta problemática que é a violência doméstica, no qual a autora afirma que não é apenas lidar com pessoas, mas também com grupos que se sobrepõe.

A interseccionalidade explicita a necessidade de não separarmos a estrutura de classe, gênero e raça, quando nos deparamos com situação de mulheres negras que são violentadas, não há uma divisão entre essas perspectivas, elas devem ser analisadas em conjunto. Podemos nos dar conta do tamanho da problemática interseccional quando ao

Observamos os dados fornecidos pelo Anuário de Segurança Pública do Brasil (2022) onde podemos constatar que a mulher negra está no topo dos índices das vastas formas de violência exercidas sobre o gênero feminino, é importante que se ressalte o papel da interseccionalidade como um sistema de opressão que se interliga mediante as estruturas sociais que já conhecemos.

Portanto, como afirma Akotirene (2019): "A interseccionalidade nos convida a ir além das categorias isoladas e a compreender a complexidade das experiências vividas pelas mulheres negras". A perspectiva interseccional é muito importante quando se trata de analisar principalmente os fatores que trazem a invisibilidade social á essas mulheres, que se veem muitas vezes sozinhas, ao serem deslocadas socialmente para dentro deste processo de invisibilidade, pelas instituições a quais deveriam acolhe-las, podendo comprometer a saúde mental.

2.2 RACISMO E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Os dados obtidos de instituições que mapeiam as estatísticas de violência contra a mulher no Brasil, como demonstrado pelo Atlas da Violência (2018), apontam que a taxa de homicídios das mulheres negras eram bem maior do que as de não negras em 2016, entre 5,3 e 3,1 respectivamente, formando uma diferença geral de 71%. Estes números relevam uma "vertente" mais específica e provavelmente velada, o racismo, e expõe a urgência em pesquisas e estudos sobre a população negra, que apesar de ser maioria nos índices de violência, é socialmente invisível.

Não apenas no Brasil, mas em muitos outros países, as mulheres negras aparecem como maioria nos índices de violação dos direitos humanos. Os dados do Fórum Nacional de Segurança Pública (2022), apontam que os índices e violência doméstica com mulheres acontece principalmente com mulheres negras, inclusive os maiores números de agressões e violações também detém a mulher negra neste índice. Piedade (2017) em seu livro "Dororidade (2017)" aponta essas estáticas brasileiras, onde a mulher negra se torna obrigada a lutar contra esses índices, perpetuados pelo racismo enraizado e colonizado que violentou marcos civilizatórios como a abolição inconclusa da escravidão que perpétua a ideia de que o povo preto é resistente a dor.

O Anuário de Segurança Pública (2022) aponta que no mesmo ano, 37,5% das vítimas de feminicídio eram mulheres brancas e 62% das vítimas foram mulheres negras.

Neste mesmo anuário, é apresentado o fato de que os feminicídios que acontecem com as mulheres negras podem estar sendo sub-notificados, e ainda, que há uma possível falha no enquadramento policial quanto a forma correta de se perceber o homicídio feminino negro como um feminicídio, que geralmente, se subentende-se e é notificado como homicídio comum, mesmo que estas ainda sejam, segundo o Dossiê da Mulher (2010): as maiores vítimas de violência quando se trata de homicídio doloso.

A violência doméstica, não pode ser elencada apenas como violência física, as múltiplas facetas da violência doméstica, incluem: violência psicológica, patrimonial, moral e etc. Vale ressaltar os altos índices de violência psicológica no Brasil divulgados pelo anuário de segurança pública de 2023, onde foram registrados em boletim de ocorrência 24.382 denúncias quanto a tipificação desta violência, junto a outra forma de violência psicológica, que são as ameaças, onde foram registradas 613.529 denúncias, havendo um aumento de 7,2% em relação ao ano de 2021. No geral, todas essas estatísticas apontam para uma crescente onda de denúncias relacionado a violência doméstica, que teve um crescimento de 2,9% em relação a os anos anteriores.

Ainda que os dados não sejam precisos, as estatísticas revelam que o racismo também é um componente estrutural na violência que acomete as mulheres nos lares ou nas relações afetivas, corroborando com a ideia de que um assunto como este só pode ser discutido a partir da interseccionalidade enquanto saber que:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica á inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cishetopatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene 2018, p. 14).

Ressaltando a importância da interseccionalidade como saber imprescindível quando se discute a violência sob mulheres negras, não podemos deixar de lado o fato de que podemos identificar a partir do desenvolvimento da interseccionalidade, a possibilidade de reconhecimento de opressões e a corroboração das violências, quando negligenciamos o processo das mesmas sob nossas corpos e identidade, AKOTIRENE (2019). A dificuldade que a mulher negra encontra, seja ela no mercado de trabalho, seja ela em sua vivência cotidiana, é traçada pelas articulações cruéis do racismo que nos é imposto, sendo o mesmo agravante quando se trata de integralizar a mulher negra as políticas públicas, já que automaticamente nossos corpos são estigmatizados e sentenciados a sofrer, de forma que,

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo, a coloca, no nível mais alto de opressão. (Gonzalez 2020, p. 58)

Quando comparamos os aspectos e estereótipos impostos ao papel social da mulher negra, o racismo vai afetar estas mulheres de modo que para termos noção dos impactos é necessário que possamos compreender que o cisheteropatriarcado, capitalismo e racismo, coexistem e se tornam modeladores de experiências e subjetividades dos tempos coloniais até os dias atuais, AKOTIRENE (2019). Ainda, CARNEIRO (2011) ao citar o poeta Arnaldo Xavier em sua escrita, onde o mesmo vai cunhar a expressão “matriarcado da miséria” para referenciar a exclusão, descriminação e rejeição social dessas mulheres, mas que ainda com estes mesmos indicadores, podem se fazer de papel de liderança dentro da comunidade a qual também passa por exclusão social.

A cobrança de manutenção das políticas públicas voltadas com mais ênfase para as pessoas negras, se dá a partir dos já destacado dados sociais de violência e desigualdade, onde este povo estaria no topo de sofrimento dos mesmos. Vale destacar que os objetos de proteção as mulheres instalados no país, acordam para sua manutenção, pois violentam ainda mais a vítima quando a exemplo: as delegacias da mulher que tem seu funcionamento em horário administrativo, o que impossibilita a vítima de violência a denunciar de forma imediata o fato que ocorreu, é neste ponto que Maximiliano & Bittencourt (2023) usam de sua sagacidade ao trazer esta problemática onde situa que:

É notório o calvário enfrentado pela mulher negra, que não encontra amparo no Estado e na sociedade, causando nesta uma solidão insuportável, que afeta (Maximiliano e Bittencourt 2023, p. 53).

Portanto é de fato urgente chamar atenção para o percurso do racismo no que se trata da violência doméstica, pois a mulher negra já estigmatizada e oprimida pelo âmbito social que as cerca, tem de conviver ainda com as poucas redes de atenção que as integralizam no processo, pois, abarcam a violência de forma generalizada, esquecendo-se das especificidades da questão. A integralização dessas mulheres nas políticas públicas envolve o reconhecimento das disparidades raciais, ações afirmativas para garantir igualdade de acesso e ações específicas para enfrentar o racismo sistêmico. É um processo contínuo que exige o envolvimento de múltiplos atores e a constante revisão e adaptação das políticas para melhor atender às necessidades das mulheres negras.

2.3 SAÚDE MENTAL DE MULHERES NEGRAS

A Organização Mundial da Saúde (1947) conceitua saúde como: “Um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades” com esta afirmação, ressalta-se a importância da saúde mental na vida do indivíduo, desenraizando do senso comum, onde apenas se considera as enfermidades aparentes. Fazendo outro paralelo, a Organização Mundial da Saúde considera saúde mental “um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade”. Dentro desta perspectiva, é necessário salientar que segundo a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2017), a comunidade negra detém menos acesso a saúde de qualidade se compara a branca, além disso, são as mais discriminadas quando se trata de utilizar o aparelho principal da saúde pública, o SUS.

Partindo desta perspectiva que exhibe a pouca integralização da população negra no sistema de saúde, lembrando também que fatores como as opressões vivenciadas por este público específico agrava seu estado de saúde mental, afetando sua autoestima, que se torna importante no processo de construção do seu aspecto emocional e psíquico, Maximiano & Bittencourt (2023) enfatizam que a mulher negra que é exposta perante as violências vê sua autoestima sendo derrubada pelo agressor, isso se agrava ainda mais quando pontuamos novamente o papel de omissão do estado, que desampara a mulher negra, e a deixa perpetuando a solidão que precariza seu estado de saúde mental, podendo este desamparo acarretar em problemas psicológicos como depressão e suicídio.

A população negra é levada as mazelas sociais, onde não encontra apoio de quem por obrigatoriedade deveria lhe proporcionar. As exposições constantes a variadas situações de humilhação e constrangimento, acarreta nesta população a baixa-autoestima da qual se é imprescindível para a não construção de uma imagem distorcida. O estado negligencia esta população, ao qual sofre o perverso quando tentar recorrer ao mesmo, sendo esta exclusão, parte do projeto de construção Brasil, onde,

Desde a independência a os dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada questão nacional, tem procurado excluir a população negra de seu projeto de construção da nação brasileira. (Gonzalez 2020, p. 94)

O racismo que exclui e martiriza o povo negro é o mesmo que traz a mulher negra ataques constantes ao seu corpo, pois, atacar o corpo negro é desorganizar os processos

psíquicos e emocionais, já que neles há a fixação social de valores e sentidos. ZANELLO & GOUVEIA (2018) enfatizam que a relação entre raça e saúde mental é um tema que está esquecido e inviabilizado no pensamento brasileiro, devido ao mito de democracia racial, onde se perpassa a ideia de que negros e brancos tenham o mesmo acesso a direitos e viabilidade de condições econômicas. Devido a estes problemas, a mulher negra está fadada a carregar em seus passos pela sociedade, as marcas do racismo que as cerca, e a solidão que perpetua e traz para ela problemas psicológicos que a própria psicologia hegemônica não se preocupa em analisar.

Em um dos poucos estudos sobre a saúde mental da pessoa negra, Jurandir Freire da Costa (1998), descreve sua concepção dos impactos que geram a violência chamada racismo, onde o mesmo enfatiza que o negro sofre dupla violência, pois encarna em si as ideias de ego do sujeito branco e anula a presença de seu corpo. A análise deste pensamento, nos faz remeter a escrita de Maximiano & Bittencourt (2023) onde eles ressaltam que a mulher negra, incumbida da violência, não se sente segura, muito menos consegue entender qual o seu papel no mundo, o que por sua vez, não a faz sentir que merece condições melhores. Neste sentido é importante ressaltar a fala de Carneiro (2011) a saber que,

Nesse sentido, a desconstrução da brancura como ideal de ego da sociedade é imperativo para a libertação e cura de todos: negros, brancos, indígenas, orientais. E talvez nisso resida o papel mais estratégico que os psicólogos têm a cumprir. (Carneiro 2011, p. 76)

Dessa forma, cabe salientar o papel da psicologia nos aspectos relacionados as pessoas negras e outras minorias, que segundo Gouveia & Zanello (2016) a psicologia, principalmente a psicologia clínica ainda se limita a adentrar os aspectos específicos que recaem sob a população a qual intitula-se de “minorias” quando falamos em saúde mental. Isso violenta ainda mais a mulher negra, que sofre asfixia social devido a passar por situações de machismo e sexismo, causando sequelas emocionais que agravam os danos à saúde mental e rebaixam sua autoestima, alertando para o fato de que a psicologia deve passar por um processo de desconstrução e se abrir a pluralidade quando há um povo que clama para esta passagem. O eurocentrismo com que fora criada as teorias psicológicas, esquece de dar conta do enriquecimento que traz a reconstrução da psicologia adotando o processo plural, e de como os focos que adentram este estudo podem mudar a vida de toda uma população Gouveia & Zanello (2016).

2.4 OPRESSÃO E RESILIÊNCIA

A violência doméstica é uma questão de extrema gravidade que afeta mulheres de todas as raças e etnias, porém, as mulheres negras enfrentam desafios únicos em decorrência de sua interseccionalidade de gênero e raça. Conforme observado por HOOKS (1981), renomada autora e ativista: "As mulheres negras enfrentam opressões que estão profundamente enraizadas na interseção de raça e gênero, o que muitas vezes as torna vulneráveis a formas particulares de violência". Mulheres negras podem ser confrontadas com estereótipos racializados que influenciam a percepção da sociedade sobre sua experiência com a violência doméstica. A violência contra elas pode ser invisibilizada ou desvalorizada devido a estereótipos de "forte" ou "resiliente".

Adentrando ao que me remete de leituras de escritoras negras, onde as mesmas descrevem sobre os processos vivenciados por mulheres negras no Brasil, sinto necessidade de explicitar a escrita de Lélia Gonzalez onde a mesma ressalta que:

A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco e burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais deprimido e explorado da sociedade brasileira" (Gonzalez, 2020 p. 109).

As mulheres negras vítimas desta violência, são deixadas muitas vezes em situações financeiras precárias. Devido a estigmatização do corpo negro, como pude observar e viver em minhas experiências, a entrada da mulher negra no mercado de trabalho é enredada e acaba fazendo com que a mesma fique dependente financeiramente, dificultando assim sua saída o ciclo do violência, como aponta Davis (1981): "A discriminação no mercado de trabalho e o histórico de desigualdade econômica tornam mais difícil para as mulheres negras escaparem de relacionamentos abusivos".

Durante meu percurso como estagiária de psicologia em uma determinada localidade, onde o foco do estágio, e até mesmo o local, me proporcionavam estar ao lado de mulheres negras, escuta-las e poder me debruçar em suas vivências, o que mais foi observado por mim, diante da minha escuta como também, uma mulher negra, foi a capacidade das mesmas se reinventarem a cada encontro, das lutas vividas, das violências emocionais atenuadas em relatos domésticos, Lord (1984) reforça a minha fala quando traz em sua escrita: "Somos ensinadas a nos encolher sob uma chuva constante de violência verbal, emocional e física, e aprendemos a criar ilhas de sobrevivência para enfrentar a tempestade."

Akotirene (2019) traz em sua escrita a perspectiva de Kimberlé Crenshaw quando fala da violência de gênero que o estado intrinsecamente resolve com o encarceramento, podendo citar para evocar estas formas de resolução, os Centro de Referência em Atendimento a Mulher dos municípios baianos, proposta implementada através da lei nº 4.713, que geralmente não operam em locais onde há essa vulnerabilidade. Observo, também, que os mesmos não buscam em suas propostas, acolher de forma específica as mulheres negras, nem mesmo oferece um acompanhamento psicológico individual as suas assistidas, o que pode acabar provocando a persistência de problemas psicossociais que tenham sido adquiridos pelas vítimas ao longo do processo de violência, agravando ainda mais ao fato do Sistema Único de Saúde também não poder efetivar este mesmo acompanhamento de forma individual.

Portanto pode-se afirmar que direta ou indiretamente, a violência doméstica tem um impacto profundo e multifacetado nas mulheres negras, sendo influenciado também pela interseccionalidade de gênero e raça. O processo de violência vivido por mulheres negras pode vir a ser exacerbado pelo trauma racial e histórico que afeta suas famílias e comunidades. Devemos ressaltar que o processo de desconstrução da imagem negativa da mulher negra é importante para o desmantelamento do racismo Damasceno & Zanello (2016).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A pesquisa apresenta uma questão de extrema relevância e urgência: a violência doméstica contra mulheres negras no Brasil. Os dados apresentados demonstram a gravidade da situação, com 17 milhões de mulheres afetadas por esse tipo de violência, sendo 52% delas mulheres negras. Além disso, em 2020, a maioria das vítimas de lesão e estupro também eram mulheres negras. É importante dentro de uma pesquisa que busca ressaltar a violência perpetuada em mulheres negras, a demonstração de dados nacionais que elencam a urgência da questão abordada dentro desta pesquisa.

O panorama da interseccionalidade é o principal conceito na análise desses dados. Akotirene (2019) destaca a importância de compreender a interação complexa entre raça, gênero e classe social na experiência das mulheres negras vítimas de violência doméstica. Essa abordagem é crucial para compreender as múltiplas formas de opressão que essas mulheres enfrentam, e como elas se entrelaçam e se potencializam. A noção da interseccionalidade dentro desta pesquisa, se faz extremamente necessária quando se toca numa questão social que está disposta a analisar as dificuldades e sofrimento de

um determinado grupo social ao qual não se abrange a maioria das políticas públicas e que sofrem da escassez de amparo do estado.

O racismo é abordado como um componente estrutural na violência que acomete as mulheres negras. Os dados apresentados mostram que as mulheres negras são as mais afetadas pela violência, o que nos revela a necessidade urgente de políticas públicas e estratégias de intervenção que levem em consideração essa realidade. O racismo é apontado como um fator que contribui para a exclusão e a marginalização dessas mulheres, dificultando o acesso a serviços e apoio adequados. A exclusão de mulheres negras perante a sociedade, traz encalços para a sobrevivências das mesmas, pois além de enfrentar a dura realidade dessa exclusão, acabam adquirendo barreiras sociais como a pouca qualidade de vida, que pode agravar os problemas sociais e psicosociais

A análise da saúde mental das mulheres negras é um ponto crucial. A pesquisa destaca que o racismo e a violência doméstica têm um impacto profundo nas condições de saúde mental dessas mulheres. A violência doméstica, não é delimitada apenas pela violência física, mas também, pela violência psicológica, patrimonial e etc, as quais são amplos fatores que agravam a saúde mental das vítimas. A falta de acesso a serviços de saúde de qualidade, somada às opressões vivenciadas, contribui para a precariedade da saúde mental das mulheres negras. A psicologia é chamada a repensar suas abordagens e práticas para melhor atender a essa população.

A opressão enfrentada pelas mulheres negras, que inclui estereótipos racializados e a interseccionalidade de gênero e raça, é discutida de forma detalhada. A pesquisa destaca que a violência contra as mulheres negras muitas vezes é invisibilizada ou desvalorizada devido a estereótipos de "forte" ou "resiliente". Isso reflete a necessidade de uma abordagem sensível e contextualizada ao lidar com as experiências das mulheres negras vítimas de violência doméstica.

Portanto, a pesquisa oferece uma análise abrangente e detalhada da violência doméstica contra mulheres negras no Brasil, destacando e objetivando a importância da interseccionalidade, do combate ao racismo e da promoção da saúde mental. Além disso, a pesquisa aponta para a urgência de políticas públicas e práticas que levem em conta as especificidades dessas mulheres, visando promover a igualdade, justiça e garantia de direitos fundamentais.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Este artigo se desenvolve a partir de revisão bibliográfica de artigos e livros que discorrem sobre as temáticas de saúde mental da mulher negra vítima de violência doméstica junto a interseccionalidade, muito abordada neste trabalho e descrita no tema. Durante a pesquisa para este trabalho, foram encontrados poucos artigos que abragem o tema da saúde mental da mulher negra, o que pode nos revelar uma falta preocupante de interesse dos profissionais da psicologia para esta temática.

O uso desta metodologia, busca não apenas dar voz às mulheres negras vítimas de violência doméstica, mas também respeitar e valorizar suas narrativas, utilizando-as como base para a compreensão dos impactos psicossociais e a criação de estratégias de apoio mais efetivas e inclusivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresenta uma análise abrangente e detalhada da violência doméstica contra mulheres negras no Brasil. A pesquisa busca destacar a importância da interseccionalidade no combate ao racismo e da promoção da saúde mental. Além disso, aponta para a urgência de políticas públicas e práticas que levem em conta as especificidades dessas mulheres, visando promover a igualdade, justiça e garantia de direitos fundamentais.

A metodologia utilizada baseia-se em revisão bibliográfica de artigos e livros que abordam as temáticas de saúde mental da mulher negra vítima de violência doméstica, juntamente com a interseccionalidade. No entanto, destaca-se a escassez de artigos disponíveis sobre o tema, o que aponta para a necessidade de maior interesse e pesquisa por parte dos profissionais da psicologia.

Conclui-se que a pesquisa ressalta não apenas a importância de estar atenta as questões que cercam as mulheres negras, mas também respeitar e valorizar suas narrativas, utilizando-as como base para a compreensão dos impactos psicossociais e para a criação de estratégias de apoio mais efetivas e inclusivas, além de tentar instigar os profissionais da psicologia para o tema, podendo gerar assim, mais artigos que conversam a temática central. A viabilização de mais artigos que cite e discorram sobre a saúde mental da mulher negra, proporciona um estudo mais profundo a esta população,

além de futuras teorias que podem surgir a partir do mesmo, é de suma importância que a categoria dos profissionais de psicologia possa discorrer mais do assunto, pois esta população já sofre da negligência social que as é imposta, e quando nos abstermos de falar sobre as especificidades de seus sofrimentos, acabamos de alguma forma, as negligenciando igualmente.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023). <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/08/anuario-2023-texto-07-o-crescimento-de-todas-as-formas-de-violencia-contr-a-mulher-em-2022.pdf>

Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022). Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>>.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília, 2017.** Disponível em: . Acesso em 22 de set. de 2023.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise.** 4. ed..Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.** Revista Estudos Feministas, nº 1, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>

DAMASCENO, M. G.; ZANELLO, V. M. L. **Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38, n. 3, p. 450–464, set. 2018.

Davis, A. (1981). **Mulher, Raça, e Classe**

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos.** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

HOOKS, B. **“E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo.** Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

Ipea - Atlas da Violencia v.2.7 - Atlas da Violência 2018. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/49/atlas-da-violencia-2018>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

ISP - Instituto de Segurança Pública: “Dossiê da Mulher (2010)”: Disponível em: <<https://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=212>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

OLIVEIRA, Fátima. **Saúde da população negra: Brasil ano 2001.** Brasília: Organização PanAmericana da Saúde, 2003.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Editora Nós, 2017.

WEBSIX. **Saúde: Impasses e desafios enfrentados no Brasil 3.** Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/saude-impasses-e-desafios->

enfrentados-no-brasil-3>. Acesso em: 22 set. 2023.